

BECCA FITZPATRICK

silêncio

Tradução de Irene Ramalho

Prólogo

Coldwater, Maine
Três meses antes

O elegante Audi preto deteve-se no parque de estacionamento com vista para o cemitério, mas nenhum dos três homens no seu interior vinha com intenções de prestar homenagem aos mortos. Já passava da meia-noite e o recinto estava oficialmente encerrado. Pairava uma estranha neblina de verão, ténue e lúgubre como um véu de fantasmas a erguer-se dos túmulos. Até a lua, um fino crescente, se assemelhava a uma pálpebra a descair de sono. Mesmo antes que a poeira da estrada assentasse o condutor saiu do veículo e abriu prontamente as duas portas de trás.

Blakely saiu primeiro. Estatura imponente, cabelo grisalho e um rosto duro e angular – quase trinta em anos humanos, mas consideravelmente mais velho pela escala Nefilim. Seguiu-se-lhe um segundo Nefilim, de seu nome Hank Millar, também ele invulgarmente alto. Louro, com mordazes olhos azuis e um charme carismático, o seu credo era “A justiça acima da misericórdia”, o que, em conjunto com a sua rápida ascensão ao poder no submundo Nefilim, lhe valera nos últimos anos os epítetos Punho da Justiça, Punho de Ferro, e o mais conhecido, Mão Negra. Fora aclamado entre os seus seguidores como um líder visionário, um salvador, mas em pequenos círculos privados chamavam-lhe em segredo o Mão de Sangue. Vozes abafadas murmuravam não sobre um redentor, mas sobre um ditador implacável. Aqueles rumores amedrontados divertiam-no: um

verdadeiro ditador dispunha de poder absoluto e não tinha oposição. Talvez um dia pudesse estar à altura das suas expectativas.

Ao sair do veículo, Hank acendeu um cigarro, tragando demoradamente o fumo.

– Os meus homens estão a postos?

– Dez homens nos bosques ali em cima – respondeu Blakely. – Outros dez de carro, em ambas as saídas. Cinco escondidos em vários pontos dentro do cemitério: três no mausoléu e dois junto às vedações. Mais era impossível sem nos denunciarmos. É de esperar que o homem com quem vem encontrar-se esta noite traga o seu próprio contingente.

Hank sorriu na escuridão da noite.

– Duvido muito.

Blakely pestanejou, baralhado.

– Trouxe vinte e cinco dos seus melhores lutadores Nefilim para enfrentar um único homem?

– Não se trata de um homem – lembrou-lhe Hank. – Nada pode correr mal esta noite.

– Temos a Nora. Se ele lhe der problemas, ponha-o ao telefone com ela. Dizem que os anjos não sentem o toque, mas com as emoções a história é outra. Tenho a certeza de que vai sentir quando ela gritar. O Dagger já foi avisado e está a postos.

Hank voltou-se para Blakely, dando-lhe um sorriso vagaroso, calculista.

– Puseste o Dagger a vigiá-la? O tipo não é bom da cabeça.

– O chefe disse que queria quebrar-lhe o ânimo.

– Disse, não disse? – murmurou Hank, pensativo.

Tinham passado somente quatro dias desde que a capturara e a arrastara para fora de um barracão da manutenção do Delphic, o parque de diversões, mas já determinara precisamente que lições pretendia ensinar-lhe. Primeiro, nunca questionar a sua autoridade diante dos seus homens. Depois, devoção à sua linhagem Nefilim. E talvez mais importante, mostrar respeito ao próprio pai.

Blakely entregou-lhe um pequeno mecanismo com um botão luminoso no centro que emitia um brilho azul do outro mundo.

– Ponha isto no bolso. É só carregar no botão azul e os seus homens surgirão vindos de todas as direções.

– Foi reforçado com demoninharia? – perguntou Hank. O outro fez um aceno.

– Foi concebido para, uma vez ativado, imobilizar temporariamente o anjo. Não sei por quanto tempo. Isto é um protótipo, não pude testá-lo convenientemente.

– Falaste disto a alguém?

– O chefe deu-me ordens para não o fazer.

Satisfeito, Hank enfiou o dispositivo no bolso.

– Deseja-me sorte, Blakely.

O amigo deu-lhe umas palmadinhas no ombro.

– Você não precisa.

Atirando o cigarro para o chão, Hank desceu os degraus de pedra que conduziam ao cemitério, uma área envolta num nevoeiro que tornava inútil o seu ponto de observação. Esperara poder avistar o anjo primeiro, de cima, mas pelo menos tinha o consolo de saber que podia contar com os homens escolhidos a dedo e altamente treinados da sua milícia.

Ao fundo dos degraus perscrutou as sombras, receoso. Começara a chuveirar, o que dissipara o nevoeiro. Vislumbrou majestosas lápides e árvores retorcidas. O relvado não era aparado há muito tempo e o cemitério tinha uma aparência quase labiríntica. Não admirava que Blakely tivesse sugerido aquele local. A probabilidade de que olhos humanos testemunhassem os eventos daquela noite era negligenciável.

Ali. Mais à frente. O anjo estava debruçado sobre uma lápide, mas ao ver Hank endireitou-se. Todo vestido de preto, incluindo um casaco de cabedal de motociclista, era difícil distingui-lo das sombras. Trazia uma barba de vários dias, o cabelo revoltado e indisciplinado, e viam-se-lhe rugas de preocupação ao redor da boca. Com que então de luto pelo desaparecimento da namorada... Tanto melhor.

– Tens ar de quem já viu dias melhores... *Patch*, é isso? – disse Hank, parando a alguns metros.

O anjo sorriu, mas não por cortesia.

– E eu que pensava que se calhar também tinhas passado umas quantas noites em branco. Afinal ela é sangue do teu sangue. Mas ao que parece, tens o sono de beleza em dia. O Rixon bem me dizia que eras um peneirente.

Hank ignorou o insulto. Rixon era o anjo caído que costumava apoderar-se do seu corpo todos os anos durante o mês do Cheshvan. Para ele

era como se já estivesse morto. Com Rixon fora de cena, não havia nada no mundo que metesse medo a Hank.

– E então? O que tens para mim? Espero que seja bom.

– Fui a tua casa, mas tinhas fugido com o rabo entre as pernas e levado a tua família contigo – disse o anjo numa voz grave com ecos de qualquer coisa que Hank não conseguiu interpretar. Entre o desdém... e a traça.

– Sim, ocorreu-me que pudesses tentar qualquer coisa precipitada. *Olho por olho*, não é esse o credo dos anjos caídos?

Hank não saberia dizer se se sentia impressionado ou irritado com a atitude fria e distante do anjo. Esperara encontrá-lo louco de desespero. No mínimo, contara poder enfurecê-lo. Qualquer desculpa para chamar os seus homens. Não há nada como um banho de sangue para instilar camaradagem.

– Vamos ao que interessa. Diz-me que me trouxeste algo de útil.

O anjo encolheu os ombros.

– Descobrir onde escondeste a tua filha pareceu-me mais importante que fazer de toupeira para ti.

Os músculos do maxilar de Hank retesaram-se.

– Não foi esse o combinado.

– Eu descobro-te a informação que pretendes – respondeu o anjo quase em tom de conversa, não fosse aquele brilho arrepante no olhar.

– Mas primeiro liberta a Nora. Liga já aos teus homens.

– Tenho de ter uma garantia da tua colaboração a longo-prazo. Vou mantê-la em meu poder até cumprires a tua parte do acordo.

Os cantos da boca do anjo arquearam-se, mas não se podia chamar àquilo um sorriso. O resultado era verdadeiramente ameaçador.

– Não estou aqui para negociar.

– Não estás em posição para isso. – Hank sacou o telemóvel do bolso do peito do casaco. – A minha paciência acabou. Se me fizeste perder o meu tempo esta noite, vai ser uma noite desagradável para a tua namorada. Basta uma chamada, e ficará sem comer...

Antes de ter tempo de cumprir a ameaça, Hank sentiu-se tropeçar para trás. Os braços do anjo empurraram-no com violência e o ar escapou-lhe do peito. A cabeça dele atingiu qualquer coisa sólida e ondas negras toldaram-lhe a visão.

– É assim que vai ser – ciciou-lhe o anjo.

Hank tentou gritar, mas Patch apertou-lhe a garganta. Hank escolheva, porém o gesto era inútil. O anjo era forte de mais. Tentou alcançar o botão de pânico que tinha dentro do bolso, mas os seus dedos tateavam em vão, atabalhoadamente. O anjo cortara-lhe o oxigénio. Começou a ver pontos vermelhos e o seu peito parecia ter sido esmagado por uma pedra.

Num rasgo de inspiração, invadiu a mente de Patch, desafiando as linhas que compunham os seus pensamentos e concentrando-se em redirecionar as intenções do anjo, enfraquecer-lhe o propósito, ao mesmo tempo que murmurava um hipnótico *Solta o Hank Millar, solta-o já...*

– Um truque mental? – troçou o anjo. – Não te incomodes. Liga-lhes – ordenou. – Se a libertarem nos próximos dois minutos, prometo-te uma morte rápida. Mais que isso, e desfaço-to peça por peça. E acredita em mim quando digo que vou saborear cada grito.

– Não me... podes... matar! – gaguejou Hank.

Sentiu uma dor pungente a queimar-lhe o rosto. Tentou gritar, mas o som não chegou a sair-lhe da boca. Tinha a traqueia esmagada, comprimida nas garras do anjo. A violenta dor intensificou-se e Hank sentiu à sua volta o cheiro de sangue misturado com o seu próprio suor.

– Peça por peça – ciciou-lhe o anjo, agitando-lhe uma película fina e empapada num líquido escuro à frente dos olhos.

Hank esbugalhou os olhos. *A sua pele!*

– Liga aos teus homens – ordenou o anjo, soando infinitamente menos paciente.

– Não consigo... falar! – gorgolejou Hank. Se ao menos conseguisse chegar ao botão de pânico...

Jura libertá-la já, e eu deixo-te falar. O ultimato do anjo insinuou-se facilmente nos pensamentos de Hank.

Estás a cometer um grande erro, rapaz, ripostou Hank. Sentiu o bolso com os dedos, enfiou a mão lá dentro e apertou o mecanismo.

O anjo emitiu um ruído gutural de impaciência, arrancou-lhe o mecanismo da mão e arremessou-o para o meio do nevoeiro. *Faz o juramento ou o teu braço é a seguir.*

Mantenho o nosso acordo inicial, rebateu Hank. *Poupo-lhe a vida e renuncio a qualquer ideia de vingar a morte do Chauncey Langeais se me trouxeres a informação de que preciso. Até lá, comprometo-me a tratá-la humanamente...*

O anjo atirou Hank de cabeça contra o solo. Através da náusea e da dor, este ouviu-o dizer: *Não a deixo contigo nem mais cinco minutos, quanto mais o tempo necessário para conseguires o que queres.*

Hank tentou espreitar-lhe por cima do ombro, mas viu apenas uma fileira de lápides. O anjo tinha-o no chão, oculto. Os seus homens não podiam vê-lo. Não acreditava que o anjo pudesse matá-lo (afinal de contas era imortal), mas não estava disposto a deixar-se mutilar até parecer um cadáver.

Sorriu e olhou-o fixamente nos olhos. *Nunca me esquecerei de como ela gritava quando a arrastei para fora do barracão. Sabias que gritou por ti? Vezes sem conta. Disse que virias salvá-la. Mas isso foi só nos primeiros dias, claro. Acho que finalmente começa a aceitar que não és um adversário à minha altura.*

Viu o rosto do anjo a ensombrar-se com uma fúria sangrenta. Os ombros tremiam-lhe e tinha os olhos dilatados de raiva. Tudo aconteceu numa agonia estonteante. Num momento Hank sentiu-se à beira de perder os sentidos devido à dor incandescente na sua carne massacrada, e no momento seguinte estava a olhar para os punhos do anjo, manchados com o seu próprio sangue.

Irrompeu-lhe do corpo um uivo ensurdecedor. A dor explodiu dentro dele, deixando-o quase inconsciente. De um ponto distante ouviu os passos apressados dos seus Nefilins.

– Tirem-no de cima de mim! – rosnou ele enquanto o anjo continuava a estropiá-lo. Sentia todos os seus terminais nervosos em chamas. Transpirava fogo e agonia por todos os poros. Viu uma das suas mãos, mas não havia carne, só osso mutilado. O anjo ia desfazê-lo.

Ouviu os grunhidos de esforço dos seus homens, mas o anjo continuava em cima dele, a avivar as chamas da agonia onde quer que lhe tocasse.

Hank praguejou violentamente.

– *Blakely!*

– Tirem-no dali, já! – ordenou Blakely aos outros com rispidez.

Mesmo a tempo, o anjo foi arrastado para longe. Hank ficou deitado no chão, ofegante. Estava encharcado em sangue e as dores aguilhavam-no como tições em brasa. Afastando com uma sapatada a mão que Blakely lhe oferecia, pôs-se de pé com esforço. Sentia-se instável, vacilante e intoxicado pelo seu próprio sofrimento. A julgar pelas expressões boquiabertas dos seus homens, devia apresentar uma visão aterradora. Dada a

gravidade dos ferimentos, podia levar uma semana inteira a recobrar, mesmo recorrendo à demoninharia.

– Levamo-lo, chefe?

Hank levou um lenço ao lábio rachado que lhe pendia do rosto como uma massa disforme.

– Não. Preso não nos serve de nada. Digam ao Dagger que dê apenas água à rapariga durante quarenta e oito horas. – Tinha a respiração entrecortada. – Se aqui o nosso rapaz não colaborar, é ela quem paga.

Com um gesto de anuência, Blakely virou as costas à cena e marcou um número no telemóvel.

Hank cuspiu um dente ensanguentado, estudou-o em silêncio, e a seguir enfiou-o no bolso. Fixou os olhos no anjo, cujo único sinal exterior da raiva que sentia era os punhos cerrados.

– Mais uma vez, os termos do nosso acordo, para que não haja mais mal-entendidos. Primeiro, terás de recuperar a confiança dos anjos caídos, voltando a juntar-se às suas fileiras...

– Vou dar cabo de ti – advertiu o anjo, impávido e sereno. Embora houvesse cinco homens a segurá-lo, já não se debatia. Estava imóvel como a morte, e os seus olhos eram como duas esferas negras ardendo com desejo de vingança.

Por uns instantes, Hank sentiu uma pontada de medo a acender-se como um fósforo dentro das suas entranhas. Optou por fingir frieza e indiferença.

– ... e depois disso, espiá-los e relatar-me todos os seus movimentos.

– Juro-te – disse o anjo, com a respiração controlada, mas elevada –, com estes homens como testemunhas, que não descansarei até acabar contigo.

– Não gastes o teu latim. Não podes matar-me. Ou já te esqueceste de quem provém a imortalidade que a um Nefilim pertence por direito?

Um murmúrio de aprovação circulou entre os seus homens, mas Hank silenciou-os com um gesto.

– Quando eu considerar que já me forneceste informações suficientes para que eu possa impedir que os anjos caídos se apoderem dos corpos dos Nefilins no próximo Cheshvan...

– Por cada vez que te puser as mãos em cima, voltarei com dez vezes mais.

A boca de Hank contorceu-se na sugestão de um sorriso.

– Desnecessário, não te parece? Quando eu já não precisar dela, a Nora nem sequer se vai lembrar do teu nome.

– Lembra-te deste dia – disse o anjo com gélida veemência. – Há de regressar para te perseguir.

– Basta – retrucou Hank fazendo um trejeito de desdém e voltando-se para regressar ao carro. – Levem-no para o Delphic. Queremo-lo novamente entre os caídos logo que possível.

– Eu dou-te as minhas asas.

Hank estacou, duvidando tê-lo ouvido corretamente. Deixou escapar uma gargalhada incrédula.

– O quê?

– Compromete-te sob juramento a libertá-la já e serão tuas. – O anjo parecia abatido, revelando os primeiros sinais de derrota. Música para os ouvidos de Hank.

– Para que havia eu de querer as tuas asas? – retorquiu ele, afetando descaso, mas o anjo tinha-lhe espicaçado a curiosidade.

Tanto quanto sabia, nunca nenhum Nefilim arrancara as asas a um anjo. Ocasionalmente os anjos faziam-no entre a sua própria espécie, mas a ideia de que um Nefilim pudesse possuir tamanho poder era novidade. Que tentação. Histórias épicas sobre a sua conquista varreriam os clãs Nefilim da noite para o dia.

– Há de ocorrer-te qualquer coisa – disse o anjo cada vez mais desalentado.

– Comprometer-me-ei a libertá-la antes do Cheshvan – regateou Hank, abafando a cobiça na voz, pois sabia que seria desastroso revelar o seu regozijo.

– Não chega.

– As tuas asas podem dar um belo troféu, mas tenho coisas mais importantes em que pensar. Libertá-la-ei no fim do verão, é a minha oferta final.

Deu meia-volta e afastou-se, refreando o entusiasmo.

– Feito – disse o anjo com calma resignação, e Hank libertou devagar o ar que sustentava. Voltou-se para trás.

– Como o faremos?

– Os teus homens vão arrancá-las.

Hank abriu a boca para contestar mas o anjo interrompeu-o.

– É possível. Se eu não oferecer resistência, nove ou dez juntos podem fazê-lo. Voltarei a viver nos subterrâneos do Delphic e farei saber que os arcanjos me arrancaram as asas. Para que isto resulte, não pode haver qualquer ligação entre nós – avisou ele.

Sem perder tempo, Hank aspergiu o relvado a seus pés com algumas gotas de sangue da sua mão desfigurada.

– Juro solenemente libertar a Nora antes do fim do verão. Se quebrar o meu voto, que morra e regresse ao pó de onde vim.

O anjo puxou a camisa por cima da cabeça e apoiou as mãos nos joelhos. O peito dele movia-se lentamente ao respirar. Com uma certa bravura que Hank detestava e invejava ao mesmo tempo, disse-lhe:

– Despacha-te lá com isto.

Hank teria adorado fazer as honras, mas a cautela falou mais alto. Podia ter vestígios de demoninharia no corpo. Se a zona onde as asas de um anjo se fundiam com as suas costas fosse tão recetiva como se dizia, um só toque poderia denunciá-lo. Trabalhara de mais para ter um deslize naquela altura do jogo.

Reprimindo o descontentamento, dirigiu-se aos seus homens:

– Arranquem as asas ao anjo e limpem esta trapalhada. Depois despejem o corpo diante dos portões do Delphic, para os outros o encontrem. E cuidado para que não vos vejam.

Teria gostado de lhes ordenar que o marcassem com a sua insígnia (um punho cerrado), uma prova visível do seu triunfo que garantidamente aumentaria o seu prestígio entre os Nefilim, mas o anjo tinha razão. Para que aquilo resultasse não podiam deixar indícios da sua associação.

Já no carro, esprou a vista pelo cemitério. Tudo terminara num abrir e fechar de olhos. O anjo jazia prostrado no solo, sem camisa, com duas feridas longitudinais nas costas. Embora não tivesse sentido uma nesga de dor, o corpo dele parecia ter entrado em choque devido à perda. Hank também ouvira dizer que as cicatrizes das asas de um anjo caído constituíam o seu calcanhar de Aquiles. Naquele ponto, pelo menos, os rumores pareciam ser verdadeiros.

– Damos a noite por encerrada? – perguntou Blakely, aparecendo por trás dele.

– Ainda falta fazer uma chamada – disse Hank num tom levemente sarcástico. – À mãe da miúda.

Marcou um número e levou o telemóvel ao ouvido. Tossicou para limpar a garganta, adotando uma voz tensa e preocupada.

– Blythe, querida, acabei de receber a tua mensagem. Tenho estado de férias com a família. Vou já para o aeroporto, sigo no primeiro voo disponível. Conta-me tudo. Como assim, raptada? Tens a certeza? Que diz a polícia?

Calou-se por momentos, ouvindo-a soluçar.

– Ouve-me – disse-lhe com firmeza. – Estou aqui para o que der e vier. Esgotarei todos os meus recursos, se preciso for. Se a Nora estiver por aí, havemos de a encontrar.